

NOTAS SOBRE A TRADUÇÃO PARA PORTUGUÊS DOS TEMPOS VERBAIS
DO PASSADO EM GRAMÁTICAS LATINO-PORTUGUESAS
(1535-1615)¹

NOTES ON THE PORTUGUESE TRANSLATION OF PAST TENSES IN
LATIN-PORTUGUESE GRAMMARS (1535-1615)

Rogelio Ponce de León Romeo

Universidade do Porto

Centro de Linguística da Universidade do Porto

RESUMO:

No trabalho, são analisados os comentários de tipo prescritivo sobre a formação dos tempos compostos do sistema verbal português, registados em gramáticas latino-portuguesas publicadas entre 1535 e 1615, nomeadamente nos *De institutione grammatica libri tres* (Lisboa 1572), do jesuíta Manuel Álvares. Nesta arte gramatical, é denunciada a tradução para português destes tempos, em manuais gramaticais para o ensino do latim, através do verbo auxiliar ‘haver’ – em vez de ‘ter’ –, é apresentada com pormenor a correspondência, são aventados os possíveis motivos para a deficiente tradução e são incorporadas, na tradução portuguesa, as formas compostas com ‘ter’ no paradigmas verbais. As observações normativas de Álvares são o ponto de partida para estudar as opções de tradução, quanto aos tempos compostos, dos autores que compuseram artes ou tratados gramaticais latinos nas balizas cronológicas acima referidas.

PALAVRAS-CHAVE:

Gramaticografia latino-portuguesa; Gramática portuguesa; Séculos XVI e XVII

ABSTRACT:

The present paper analyzes the prescriptive comments on the formation of the compound tenses of the Portuguese verbal system, recorded in the Latin-Portuguese grammars published between 1535 and 1615, especially in *De institutione grammatica libri tres* (Lisboa 1572), by the Jesuit Manuel Álvares. In his work, Álvares criticizes the translation that has been made of these verb tenses in the handbooks for the teaching of Latin

¹ Uma versão muito incompleta do presente trabalho foi apresentada ao Colóquio Internacional “Tempo, espaço e identidade na cultura portuguesa. 40 Anos de Estudos Lusófonos na Roménia: Desafios e Perspetivas”, realizado na Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras da Universidade de Bucareste, nos dias 11 e 12 de abril de 2014.

(through the auxiliary verb ‘haver’ instead of ‘ter’), presents the reasons for this wrong translation and incorporates the compound tenses with ‘ter’ in the verbal paradigms. These normative observations are the starting point to study the translation options of the authors of the Latin grammatical treatises of the indicated period.

KEYWORDS:

Latin-Portuguese grammaticography; Portuguese grammar; 16th and 17th centuries

Considerações iniciais

O presente trabalho pretende avançar na linha de estudos meus anteriores (PONCE DE LEÓN, 2015; PONCE DE LEÓN, 2016; PONCE DE LEÓN, no prelo), cujo objetivo principal tem sido enfatizar a decisiva repercussão da gramaticografia latino-portuguesa (isto é: o conjunto de textos metagramaticais para o ensino do latim publicados em Portugal e, predominantemente, destinados a estudantes lusófonos) no âmbito da história das ideias linguísticas em Portugal e naquilo que Telmo Verdelho – pioneiro nesta área de investigação – designou como “implícita escolarização do Português” (Verdelho, 1995, p. 110). De facto, Verdelho defende que “a história da língua portuguesa, particularmente toda a sua formulação teórica, e a estruturação da sua memória lexical, estão intrinsecamente ligadas à gramaticografia e à lexicografia latino-portuguesas” (1995, p. 98).

Nas seguintes linhas, será analisada, a partir das considerações – valiosas – de certos professores de gramática (latina), a maneira como a tradução para português dos modelos verbais latinos, registados em gramáticas latinas publicadas no Portugal do século XVI – e de inícios do XVII –, pôde condicionar, nos estudantes, a consolidação da competência na língua materna. Neste sentido, será estudada, no período cronológico que vai de 1535 até 1615, a evolução das correspondências portuguesas – concretamente, as formas compostas – dos tempos latinos do passado, durante o período cronológico que vai desde 1535 até 1615, no seguinte corpus de artes gramaticais:

Máximo de Sousa († 1544), *Institutiones tum lucidae, tum compendiosae latinarum literarum*. Coimbra, Mosteiro de Santa Cruz, 1535.

Nicolaus Clenardus (ca. 1493-1543), *Institutiones grammaticae latinae*, Braga, Pedro de la Rocha [?], 1538.

- André de Resende (1498-1573), *De uerborum coniugatione commentarius*, Lisboa, Luís Rodrigues, 1540.
- Duarte Pinhel (fl. 1543-1553), *Latinae grammatices compendium*, Lisboa, Luís Rodrigues, 1543.
- Jerónimo Cardoso (ca. 1508-ca. 1569), *Grammaticae introductiones breuiores et lucidiores*, Lisboa, [s. n.], 1552.
- Iohannes Despauterius (ca. 1460-1520), *Carmina Ioannis Despauterii de arte grammatica*, Coimbra João Álvares, 1555.
- Fernando Soares Homem, *Grammatices duo compendia, eo modo in methodon contracta, ut nihil aut redundet, aut desit*, Coimbra, João Álvares, 1557.
- Manuel Álvares (1526-1583), *De institutione grammatica libri tres*, Lisboa, João de Barreira, 1572
- Manuel Álvares, *Emmanuelis Aluari e Societate Iesu de institutione grammatica libri tres, Antonii Vellesii ex eadem Societate Iesu Eborensi academia praefecti studiorum opera aucti et illustrativ*, Évora, Manuel de Lira, 1599.
- Pedro Sanches († 1635), *Arte de grammatica, pera em breue saber latim, composta em linguagem e verso portugues*, Lisboa, Vicente Álvares, 1610.
- Amaro de Roboredo (ca. 1580-post. 1653), *Verdadeira grammatica latina para se bem saber em breue tempo, scritta na lingua portuguesa com exemplos na latina*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1615.

1. O impacto das artes gramaticais latinas na norma quinhentista do português: a gramática de Manuel Álvares

Os manuais que se acabam de referenciar revelam, nomeadamente através dos modelos de conjugação verbal e dos comentários sobre eles e sobre as regras gramaticais, a posição dos autores não só a respeito dos princípios teóricos e pedagógicos do latim, mas também acerca de questões que afetam diretamente o sistema linguístico do português e – de forma indireta – a sua interiorização pelos discentes. Não se deve esquecer que estes autores elaboraram as suas gramáticas a partir da própria experiência docente. Neste sentido, parece, com efeito, que havia professores de latim, nas escolas portuguesas quinhentistas, que receavam que os alunos aprendessem, a partir da memorização dos paradigmas verbais latinos e da sua tradução para português, uma forma anómala dos tempos compostos portugueses. A este respeito, o testemunho

do gramático jesuíta Manuel Álvares afigura-se de grande valor², porquanto, num comentário prévio à apresentação do paradigma do verbo ser, nos seus *De institutione grammatica libri tres*, denuncia esta ameaça, que, na altura em que Manuel Álvares redige a sua gramática (na década de Sessenta do século XVI), parece já ser uma realidade:

Antes de começar com a conjugação [do verbo copulativo], parece-me que devem ser ditas umas palavras sobre a tradução portuguesa, não porque julgue que posso ensinar aos portugueses regras para falar bem, mas para advertir aos que ainda não sabem latim que, enquanto se esforçam em aprender uma língua alheia e estrangeira, não percam a materna e nacional – tenho com frequência ouvido homens doutos, e não desconhecedores do português, a deplorarem isto –. A culpa deste prejuízo, se não me engano, deve ser assumida por aqueles que traduziram os paradigmas verbais [latinos] antes de mais do castelhano para português, vertendo-as de forma quase idêntica, e propuseram aos jovens a memorização das duas línguas misturadas e confusas. Segundo esta regra, enquanto os docentes (que outra coisa podem fazer?) são obrigados a ditar os temas que devem traduzir-se para latim, a comentar os autores e a extrair deles expressões, acontece que os discentes, antes de começarem a apreciar a língua latina, perdem a portuguesa. Deste tipo são, concretamente, as seguintes expressões: ‘Eu auia sido’, ‘Auerey sido’, ‘Oxala eu ouuera e ouuesse sido’, ‘Como eu aja sido’, ‘Como eu ouuera e ouuesse sido’, ‘Auer sido’ [...]. Não te parece que estas expressões são ao mesmo tempo castelhanas e portuguesas? Não há dúvida de que ‘sido’ é uma forma elegante e correta em castelhano, mas desconhecida e inaudita para os portugueses (à exceção daqueles que, desde jovens, conservam uma trapalhada linguística devorada nas escolas). ‘Ey’, ‘ouue’, ‘ouuera’, ‘auerey’, ‘aja’, ‘ouuesse’, ‘auer’ são formas plenamente portuguesas; no entanto, se as juntares aos participios, ninguém que for um autêntico português há de ouvir-te. Por exemplo, ‘Ei estado em Roma, ido a Roma, andado por Roma, tornado de Roma’, ‘Ei escrito muitas cartas’, ‘Ei uisto muytas cidades’ são absolutamente alheias à propriedade e ao estilo da língua portuguesa; no entanto, esta maneira de dizer é elegantíssima entre os castelhanos, e não admira, pois tal acontece em quase todas as línguas, que muitas expressões que numas são empregues com elegância e pulcritude, noutras são consideradas bárbaras e grosseiras se forem traduzidas de forma

² Os valiosos estudos de Rolf Kemmler (2013; 2015), sobre a edição da gramática alvaresiana de 1573, põem em relevo, entre outros aspetos, o contributo desta obra para a normatização da língua portuguesa.

literal. Como fazer então? A solução é simples: em substituição das formas ‘ey’, ‘ouue’, ‘ouuera’, ‘auerey’, ‘aja’, ‘ouuesse’, ‘auer’, ou são utilizados os verbos de onde derivam os participios que vão com elas, ou, em lugar daquelas, são usadas as seguintes: ‘tenho’, ‘tiue’, ‘tiuera’, ‘terei’, ‘tinha’, ‘tuesse’, ‘ter’. Por exemplo: ‘Ei estado, ido, andado, tornado, escrito, uisto’ não são corretos em português; utiliza os verbos dos participios da seguinte forma: ‘Estiue em Roma’, ‘Fui a Roma’, ‘Andey por Roma’, ‘Torney de Roma’, ‘Escreui muytas cartas’, ‘Vi muytas cidades’; ou utiliza os participios com as formas ‘tenho’, ‘tiue’, ‘tiuera’, etc., assim: ‘Tenho ido muytas uezes a Roma’, ‘Tenhouos escrito muitas cartas, uisto muytas cidades’. Mas também errarás se não consultares atentamente quem supera os preceitos de todos os docentes; estou a referir-me ao uso. É que não é possível juntar as formas ‘tenho’, ‘tiue’, etc. nem a todos os participios nem em todos os contextos. Mas se formos cometer um dos dois erros, preferiria unir estas últimas formas aos participios, dado que o primeiro erro nunca ocorre, o segundo de forma frequentíssima³.

³ “Ad cuius [verbi substantivi] declinationem priusquam aggredior, pauca de Lusitana interpretatione videntur dicenda, non quod existimem posse me bene loquendi praecepta Lusitanis tradere, sed ut admoneam Latinae linguae rudes ne, dum alienum peregrinumque sermonem assequi student, nativum atque domesticum amittant, id quod saepe audivi viros doctos, nec Lusitanae linguae imperitos, conquerentes. Huius, nisi fallor, detrimenti culpam sustinent, qui primum e Baetico in Lusitanum verborum declinationes converterunt, siquidem eas totidem fere verbis interpretati, utranque linguam permistam atque confusam ediscendam pueris propulerunt, ad cuius regulam dum praeceptores (quid enim aliud agant?) themata in Latinum convertenda dictare compelluntur, auctores enarrare atque ex iisdem locutiones depromere, fit ut tyrones, antequam Latinam linguam degustare incipiant, Lusitana amittant. Cuius generis, ut propius ad rem accedamus, sunt circuitiones illae: ‘Eu auia sido’, ‘Auerey sido’, ‘Oxala eu ouuera e ouuesse sido’, ‘Como eu aja sido’, ‘Como eu ouuera e ouuesse sido’, ‘Auer sido’ [...]. Videsne hic uoces partim Baeticas, partim Lusitanas? ‘Sido’ uerbum quidem est elegans et bene Baeticum, sed Lusitanis (excipio semper eos, qui iam inde a pueris loquendi farraginem in scholis haustam mordicus retinent) nouum et inauditum. ‘Ey’, ‘ouue’, ‘ouuera’, ‘auerey’, ‘aja’, ‘ouuesse’, ‘auer’ uoces sunt plane Lusitanae; quas tamen, si cum participiis coniungas, nemo, qui modo germanus sit Lusitanus, te audiat. Verbi causa: ‘Ei estado em Roma, ido a Roma, andado por Roma, tornado de Roma’, ‘Ei escrito muitas cartas’, ‘Ei uisto muytas cidades’ a Lusitanae linguae proprietate ac stylo alienissima sunt; quae tamen ratio loquendi apud Baeticos elegantissima est, neque mirum, illum enim fere omnibus linguis usu uenit, ut multa, quae in aliis eleganter et ornate dicuntur, barbaramente ac rustice in aliis dicantur, si totidem uerbis transferantur. Quid ergo, inquiet aliquis, agendum? Facile est remedium: pro uocibus ‘ey’, ‘ouue’, ‘ouuera’, ‘auerey’, ‘aja’, ‘ouuesse’, ‘auer’, aut utere uerbis, unde fiunt participia, quae cum eis iunguntur, aut in earum locum substitue has: ‘tenho’, ‘tiue’, ‘tiuera’, ‘terei’, ‘tinha’, ‘tuesse’, ‘ter’. Exempli gratia: ‘Ei estado, ido, andado, tornado, escrito, uisto’ non dicuntur bene Lusitane; utere uerbis participiorum sic, ‘Estiue em Roma’, ‘Fui a Roma’, ‘Andey por Roma’, ‘Torney de Roma’, ‘Escreui muytas cartas’, ‘Vi muytas cidades’;

Com efeito, no passo reproduzido – em minha opinião, de extraordinário interesse pedagógico e linguístico – o gramático jesuíta identifica claramente o problema – a deficiente tradução para português dos paradigmas de conjugação dos tempos latinos do passado –, determinado duas causas: a primeira, explícita, de tipo linguístico, que se prende com a interferência sobre o português do tempo composto castelhano com ‘haber’; a segunda, mais implícita – de tipo, por assim dizer, gramaticográfico – que se relaciona com a influência exercida sobre os gramáticos portugueses, no período cronológico em estudo, por uma das gramáticas de referência na altura; estou a referir-me às *Introductiones latinae* (Salamanca, 1481) do humanista andaluz Antonio de Nebrija (1441-1522), obra que, em certas edições, apresentava a tradução parcial para castelhano dos paradigmas de conjugação, como se pode observar na seguinte ilustração:

Amaui. io ame. e. ioue amado

Amaueram. Io auia amado [...].

Amauero. io amare. avre. i ouiere. i aia amado (Nebrija, 1495, p. 25).

[amaui] yo ame he o houe amado.

[amaueram] yo hauia amado.

[amauero] yo haure amado (Nebrija, 1549, p. 16).

Nesta perspetiva, Álvares não está senão a culpabilizar os gramáticos portugueses que, como se verá nas linhas seguintes, no momento de encararem a tarefa de verter os paradigmas verbais para português, parecem ter tido em consideração a tradução castelhana apresentada por Nebrija. Seja como for, o gramático jesuíta vai mais além da determinação do problema e das suas origens, porquanto apresenta duas correspondências para a forma latina (*amaui*): o pretérito perfeito simples (‘amey’) e o pretérito perfeito composto (‘tenho amado’, mas nunca ‘ey amado’), estabelecendo, conseqüentemente, o diferente grau de aceitabilidade das formas compostas com o verbo auxiliar ‘ter’ e com a forma castelhanizada com ‘haver’.

aut utere participiis cum uerbis ‘tenho’, ‘tiue’, ‘tiuera’, etc., sic, ‘Tenho ido muytas uezes a Roma’, ‘Tenhouos escrito muitas cartas, uisto muytas cidades’. Sed hic etiam laberis nisi eum qui omnium magistrorum praecepta superat (usum dico) diligenter consulas. Non enim aut cum omnibus participiis aut semper licet uerba ‘tenho’, ‘tiue’, etc., copulare. Caeterum si in alterutro peccandum sit, malim hoc, quam illud cum participiis coniungere, illud enim nunquam locum habet, hoc frequentissime” (Álvares, 2005 [1572], p. 31). A tradução deste excerto e dos seguintes é da minha autoria.

Na gramática de Álvares, são, por outro lado, analisadas, se bem que de forma implícita, as diferenças semânticas entre o pretérito perfeito simples e o composto. Com efeito, no paradigma da primeira conjugação, o jesuíta madeirense introduz um comentário marginal, no qual, através de exemplos, parece-me que determina bem o sentido de cada um dos tempos:

A segunda forma [‘tenho amado’] é utilizada pelos portugueses em certos contextos: ‘Semper praeceptorem meum plurimum amavi’ [amei sempre muitíssimo o meu professor], diz-se de forma correta ‘sempre amei’, mas ‘tenho amado’ nesse contexto não é admissível; ‘Saepe ad te literas dedi’, [Escrevi-te / tenho-te escrito frequentemente], ‘Muitas vezes uos escreui’ ou ‘Muitas vezes uos tenho escrito’. Neste contexto as duas formas utilizam-se de forma correta⁴.

Contudo, o propósito deste humanista luso não é o de descrever e analisar os usos do pretérito perfeito simples e do composto em português, mas descrever, prescrever e fixar (ou gramatizar) as correspondências consideradas aceitáveis pelo autor para os tempos latinos. Desse ponto de vista, concretizam-se, na gramática do humanista português, os três estádios de análise gramaticográfica que, num trabalho meu anterior (Ponce de León, 2010), propus para a *Ars grammaticae pro lingua lusitana addiscenda* (Lião, 1672), do também jesuíta Bento Pereira (1605-1681), e que é esquematicamente apresentada na tabela 1:

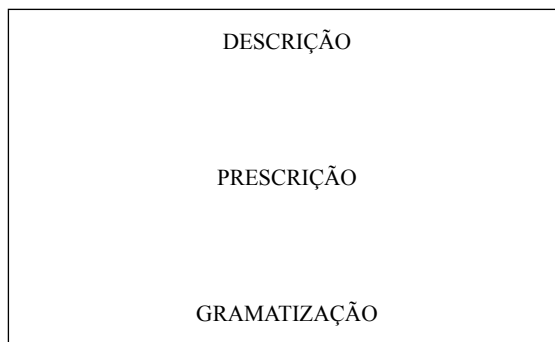


Tabela 1: estádios no processo de gramatização

⁴ “Posteriore locutione utuntur Lusitani certis locis: *Semper praeceptorem meum plurimum amavi, ac parentis loco habui*, ‘sempre amei’ recte dicitur, at ‘tenho amado’ locum non habet. *Saepe ad te literas dedi*, ‘Muitas vezes vos escreui’ uel ‘Muitas vezes vos tenho escrito’. Hic utrumque recte dicitur” (Álvares, 2005 [1572], p. 49).

2. A gramaticografia anterior à arte alvaesiana

De tudo o que foi exposto até agora podemos concluir que, com os *De institutione grammatica libri tres*, estamos perante uma reorientação de tipo prescritivo na determinação das formas adequadas dos tempos compostos na língua portuguesa, o que se entenderá melhor se, no quadro da gramaticografia anterior ao manual alvaesiano, atentarmos nas traduções para português destes tempos, apresentadas parcialmente na Tabela 2:

	<i>amaui</i>	<i>amaueram</i>	<i>Amauero</i>
Sousa 1535	‘Amei’ ‘ey’ et ‘ouue amado’	‘Auia amado’	‘Auerey amado’
Clenardus 1538	-----	-----	-----
Resende 1540	‘Eu amei’ [Por vezes a especificidade da língua portuguesa interpreta este pretérito através do verbo ‘habeo’ em presente e o participio passivo de passado. <i>Iam illi bis scripsi. Ia lhe tenho scripto duas vezes</i> ⁵ .]	‘Eu tinha amado’. ‘Eu amara’.	‘Eu amarei’ [Mas, na tradução de <i>amauerim</i> , ‘Eu haia, ou tenha amado’.]
Pinhel 1543	‘Eu amei’	‘Eu amara ou tinha amado’	----- [Mas, na tradução de <i>amauerim</i> , ‘Eu aia ou tenha amado’, e, na tradução de <i>amauissem</i> , ‘Eu ouuera ou ouuesse amado’.]
Cardoso 1552	<i>Verberaui</i> . ‘Eu açoutei’	<i>Verberaueram</i> . ‘Eu auia açoutado’	----- [Mas, na tradução de <i>cum uerberauerim</i> , ‘como eu aia açoutado’.]
Despauterius 1555	‘Eu amey’	‘Eu auia amado’	‘Eu auerey amado’
Homem 1557	-----	-----	-----

Tabela 2. Tradução de tempos de passado na gramaticografia latino-portuguesa até 1572

⁵ “Interdum Lusitanae linguae proprietates hoc praeteritum, per uerbum habendi in praesenti, et participium passiuum praeteritum, explicat. *Iam illi bis scripsi. Ia lhe tenho scripto duas vezes*” (Resende, 1540, f. Br.^o).

Com efeito, dos dados reproduzidos na Tabela 2 podemos inferir que, até à publicação da primeira edição da gramática latina de Manuel Álvares (1572), poucos autores de artes latinas parecem ter sido sensíveis às eventuais repercussões pedagógicas e linguísticas, entre os alunos portugueses, do uso do auxiliar ‘haver’ nos tempos verbais compostos. Há, no corpus, certos gramáticos que propõem, segundo os tempos de passado, a tradução através de uma forma composta com ‘ter’ ou ‘haver’, mas, na tradução do pretérito perfeito do indicativo latino, o uso exclusivo da forma simples (‘amei’). É o caso de André de Resende, no seu *De uerborum coniugatione commentarius* – tratado dedicado na íntegra, como expõe o título da obra, a aspetos da conjugação dos verbos latinos –, e o caso também do *Latinae grammatices compendium*, de Duarte Pinhel. O primeiro autor, além do registo gramatical do auxiliar ‘ter’, apresenta um comentário, reproduzido no seguinte fragmento, o qual me parece que tem como objetivo reforçar a gramatização da forma composta, através de ‘ter’ (mas, em certos contextos, também de ‘haver’...) e, muito especialmente, sublinhar a proximidade estrutural com a perífrase correspondente no latim:

Algumas vezes a especificidade da língua portuguesa interpreta este pretérito [‘amaui’], através do uerbo ‘habeo’ [i. e. ‘ter’, mas, em certos contextos, também ‘haver’...]: ‘Iam illi bis scripsi’, ‘Ia lhe tenho scripto duas vezes’. Não é infrequente os latinos exprimirem-se desta forma: Cícero, *De Amicitia*: ‘Non ergo erunt homines diuitiis adfluentes audiendi, si quando de amicitia, quam nec usu, nec ratione HABENT COGNITAM, disputabunt’. O autor referido, *In Antonium*: ‘De Caesare satis DICTUM HABEO’. Plauto em *Persa*: Satis HABEO DICTUM⁶.

Desta forma, Resende assegura, neste ponto, uma convergência gramatical entre o português e a língua do Lácio, que julgo que se deve enquadrar naquilo que tem sido designado como Questão da Língua, ou, por outras palavras, a tentativa, por parte dos humanistas, de ressaltar as semelhanças da língua pátria com o latim, com a finalidade de dignificar a primeira. Tal implica dar

⁶ Interdum Lusitanae linguae proprietates hoc praeteritum, per uerbum habendi in praesenti et participium passiuum praeteritum explicat: ‘Iam illi bis scripsi’, ‘Ia lhe tenho scripto duas vezes’. Loquuntur non raro sic Latini: Cicero de amicitia, ‘Non ergo erunt homines diuitiis adfluentes audiendi, si quando de amicitia, quam nec usu, nec ratione habent cognitam, disputabunt’. Idem in Antonium: ‘De Caesare satis dictum habeo’. Plaut. in Persa, Satis habeo dictum (Resende 1540: [9-10]). As formas compostas com ‘habeo’ aparecem, na tradução, em maiúsculas pequenas.

preeminência ao português, por via da pretendida maior aproximação ao latim, perante as restantes línguas romances; ou nas palavras de Maria Leonor Carvalhão Buescu:

quando os humanistas acentuam e exaltam a semelhança com o latim, implicitamente querem sublinhar a diferença em relação às outras línguas, com ou sem razão consideradas mais afastadas da língua mãe; no caso presente, a diferença em relação ao castelhano, cujo estatuto de língua cortesã o tornava concorrente com o português como instrumento de expressão literária (1984, p. 224).

Podemos deduzir do passo reproduzido duas fases – de resto, bem conhecidas – na Questão da Língua no contexto cultural português: na primeira, que se pode situar cronologicamente na primeira metade de Quinhentos, o latim é tido como referência contrastiva; na segunda, enquadrada na segunda metade, o castelhano é confrontado com a língua pátria. A este respeito, tenho defendido em trabalhos anteriores que a polémica suscitada por Manuel Álvares sobre o uso, nos tempos verbais compostos, do auxiliar ‘ter’ em vez de ‘haver’ – cuja construção se considera uma castelhanização – deve enquadrar-se na segunda fase desta polémica (Ponce de León, 2007, III, pp. 2077-2078).

3. A gramaticografia posterior à editio princeps dos *De institutione grammatica libri tres*

O ano da primeira edição integral da gramática de Manuel Álvares, na qual se regista – como já ficou dito – a análise prescritiva sobre a deficiente tradução para português dos tempos de passado latinos e sobre as repercussões linguísticas que tal poderia ter nos estudantes, parece constituir um *terminus post quem* para a fixação (ou gramatização) dos tempos compostos com o auxiliar ‘ter’. Importa, por isso, confrontar as propostas de tradução das – poucas – artes gramaticais publicadas até 1615, ano em que é dada ao prelo a *Verdadeira grammatica latina para se bem saber em breue tempo* de Amaro de Roboredo:

	<i>amaui</i>	<i>amaueram</i>	<i>Amauero</i>
Álvares 1572	‘Eu amei, ou tenho amado’	‘Eu amara, ou tinha amado’	----- [No comentário marginal: “Futurum perfectum, siue exactum qui uolet adere, sic in Lusitanum conuertet. Amauero. ‘Iá eu entã terei amado’.”]
Álvares 1599 (<i>editio uellessiana</i>)	‘Eu amei: ou Tenho amado’	‘Eu amâra: ou Tinha amado’	‘Ia entã eu terei amado’
Sanches 1610	‘Eu amei: ou tenho amado’	‘Ia eu tinha amado, ou amara’ [Mas, na tradução de ‘fueram’, ‘Ia eu auia sido, ou fora]	----- [Na tradução de amauerim, ‘Como eu tenha amado, ou amando eu’.]
Roboredo 1615	‘Eu amei, tenho, ou tiue amado’	‘Eu amâra, ou tinha amado’	‘Eu amar, tiuer, ou terei amado’.

Tabela 3: tradução de tempos de passado na gramaticografia latino-portuguesa (1572-1615)

Na tabela apresentada, podemos verificar que, tanto na edição eborense de 1599 da gramática alvaresiana, ao cuidado do também jesuíta António Velez, como na *Arte de grammatica, pera em breue saber latim* de Pedro Sanches e na primeira gramática latina de Amaro de Roboredo, a preferência pelo auxiliar ‘ter’ é predominante: na *editio uellessiana* e na *Verdadeira grammatica* de Roboredo parece ser a única correspondência; já no caso do manual de Pedro Sanches (a primeira e mais interessante refundição em português da gramática alvaresiana) há uma oscilação clara no uso de ‘ter’ e de ‘haver’ como auxiliares dos tempos compostos: o primeiro aparece na tradução dos tempos compostos das formas latinas da voz ativa; o segundo é utilizado para a correspondência dos tempos do passado do verbo ‘sum’ (isto é, aparece sempre, diferentemente do juízo prescritivo de Manuel Álvares, com o particípio ‘sido’) e, por extensão, para a os tempos de passado da voz passiva perifrástica. De facto, como Manuel Álvares – mas em sentido contrário –, Sanches apresenta uma justificação para este critério no prólogo da obra, dirigido *ao lector*:

Nas conjugações mudey, tirey, & accrecētey algũas lingoajês. *Auer sido*, não tão somente he lingoajem Castelhana, mas ainda Portuguesa, & tam forçada, que nam

sey eu que lingoagem, & declaração se possa dar melhor em Portugues ao pretérito perfeito, & plusquam perfeito do infinitivo, *Fuisse*. Ouid. *Epist. Hyperm. Est mihi supplicii causa fuisse piam*. Neste lugar, & noutros semelhantes nam se pode dar a lingoagem, *Que, fui, senão, Auer sido* (Sanches, 2008 [1610], pp. 13-14).

Parece claro que esta observação remete argumentativamente para o comentário registado na gramática alvaresiana e anteriormente reproduzido, no qual o uso do particípio ‘sido’ é considerado, em português, anómalo.

4. A estrutura dos tempos compostos na gramaticografia da língua portuguesa quinhentista

Como foi referido anteriormente, à formulação do problema do uso de ‘haver’ ou de ‘ter’ como verbo auxiliar dos tempos compostos não subjaz senão um critério de tipo prescritivo – com repercussões de tipo gramaticográfico – que afeta diretamente o sistema gramatical do português. A este respeito, julgo necessário realçar de novo a importância das artes de gramática latina, enquanto manuais utilizados por gerações e gerações de estudantes que, à medida que estudavam a língua latina, iam interiorizando estruturas da língua materna. Por este motivo, estes materiais parecem-me de maior importância do que aquela que têm, a meu ver, os textos gramaticais quinhentistas que descrevem a língua portuguesa, dada a muito reduzida difusão editorial destas últimas. Seja como for, parece-me pertinente analisar a opção dos humanistas que publicaram gramáticas ou tratados gramaticais durante os séculos XVI; estou a referir-me, como é sobejamente conhecido, à *Grammatica da lingoagem portuguesa* (Lisboa 1536) de Fernão de Oliveira e à *Grammatica da língua portuguesa* (Lisboa 1540) de João de Barros.

O primeiro tratado – como era de prever, dada a peculiaridade das *anotações gramaticais* de Oliveira – não parece abordar a questão em análise na presente comunicação; quanto à gramática barrosiana, parece que, se atentamos no capítulo dedicado à conjugação verbal (BARROS, 1971 [1540], pp. 97-111), podemos observar que Barros insere, nos paradigmas verbais, os tempos compostos com o auxiliar ‘ter’, se bem que o propósito do autor seja reduzir ao máximo a gramatização dos tempos compostos (que Barros chama de “tempos per circunlóquio” ou “tempos per maneira de rodeo”), muito provavelmente devido ao objetivo de aproximar do latim o sistema gramatical do português,

ao ponto de apresentar apenas formas compostas para o mais-que-perfeito do modo optativo (ou ‘modo de desejar’) e para a forma composta do infinitivo. Com a finalidade de reforçar a (mínima) gramatização do tempo composto, João de Barros introduz umas anotações sobre este aspeto, nas quais alarga o número de tempos com formas compostas, todas com o auxiliar ‘ter’:

Dalgũus suprimentos que temos dos tempos per maneira de rodeo

Temos ainda em as nössas coniugações algũus tempos que dizemos per rodeo: assy por uso de nössa linguagem: como pera significar algũus que os Latinos tem, de que nós careçemos, os quães poderám bẽ sentir os seus grammáticos: prinçipalmente no modo optativo e subiuntiuo. Chamamos tempo per rodeo, quando simplesmente nam podemos usár dalgũ, entã pera ô sinificár tomamos este uerbo, tenho, naquele tẽpo que ẽ mais conforme ao uerbo que queremos cõiugár, e cõ o seu particípio passádo dizemos, tiuẽra amádo: como se pôde uer no tẽpo passádo e mais que acabado no modo pera deseiar, o qual suprimos per este rodeo, por nam termos simples com que ô sinificar. E no módo infinitivo nam acabado por nã termos tẽpo passádo e uindoiro ambos simples, sinificámos per rodeo: o passádo, dizendo, ter amádo, lido, ouuido, sido, e o uindoiro, auer damar, ler, ouuir, ser (Barros, 1971 [1540], pp. 105-107).

Contudo, dada a muito reduzida – ou até residual – divulgação da gramática portuguesa barrosiana, atrever-me-ia a dizer que os efeitos pedagógicos desta prescrição foram mínimos, se comparada com a enorme difusão das artes latino-portuguesas quinhentistas.

Considerações finais

Os comentários analisados sobre a correta ou a deficiente formação dos tempos verbais compostos mostram, de forma clara, a relevância das artes latino-portuguesas na fixação de certas construções no português quinhentista, porquanto a forma como são orientadas para a competência linguística dos estudantes tem repercussões na consolidação da língua materna deles, num contexto socio-pedagógico – convém sublinhá-lo – em que a elaboração de gramáticas do português era residual. Nesta perspetiva, a gramaticografia

latino-portuguesa constitui um conjunto de materiais de indubitável valor para a história da linguística do português.

Referências

- ÁLVARES, Manuel. **De institutione grammatica libri tres**. Lisboa: João de Barreira, 1572 (cf. PONCE DE LEÓN, Rogelio [...] 2005).
- ÁLVARES, Manuel. **Emmanuelis Aluari e Societate Iesu de institutione grammatica libri tres, Antonii Vellesii ex eadem Societate Iesu Eborensi academia praefecti studiorum opera aucti et illustrati**. Évora: Manuel de Lira, 1599.
- BARROS, João de. **Gramática da língua portuguesa**. Introdução de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971 [1540].
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. **Babel ou a ruptura do signo: A gramática e os gramáticos portugueses do século XVI**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- CARDOSO, Jerónimo. **Grammaticae introductiones breuiores et lucidiores**. Lisboa: [s. n.], 1552.
- CLENARDUS, Nicolaus. **Institutiones grammaticae latinae**. Braga: Pedro de la Rocha[?], 1538.
- DESPAUTERIUS, Iohannes. **Carmina Ioannis Despauterii de arte grammatica**. Coimbra: João Álvares, 1555.
- HOMEM, Fernando Soares. **Grammatices duo compendia, eo modo in methodon contracta, ut nihil aut redundet, aut desit**. Coimbra: João Álvares, 1557.
- KEMMLER, Rolf. *De institvtione grammatical libri tres* (Lisboa, 1573): A edição prínceps da *ars minor* de Manuel Álvares. **Revista Portuguesa de Humanidades: Estudos Linguísticos**, Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, v. 17, n.1, p. 43-58, 2013.
- KEMMLER, Rolf. The First Edition of the *ars minor* of Manuel Álvares' *De institvtione grammatica libri tres* (Lisbon, 1573). **Historiographia Linguistica**, Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, v. 42, v. 1, p. 1-19, 2015.
- NEBRIJA, Antonio de. **Introductiones latinae cum commento**. Salamanca: [s. n.], 1495 [1481].

- NEBRIJA, Antonio de. **Grammatica Antonii Nebrissensis**. Zaragoza: Pedro Bernuz, 1549 [1481].
- PINHEL, Pinhel. **Latinae grammatices compendium**. Lisboa: Luís Rodrigues, 1543.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio. **Aproximación a la obra de Manuel Álvares. Edición crítica de sus *De institutione grammatica libri tres***. Madrid: Universidad Complutense. Servicio de Publicaciones, 2005. 1 CD-Rom.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio. El ‘Álvarez’ trasladado: el romance en las ediciones quinientistas portuguesas, castellanas y catalanas de los *De institutione grammatica libri tres* (Lisboa 1572) de Manuel Álvares (S. I.). In: CANO, P. (coord.). **Actas del VI Congreso de Lingüística General**. Madrid: Arco/Libros, vol. III, 2007, p. 2975-2985.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio. Gramática e defesa da língua: o Castelhana na *Ars grammaticae pro lingua lusitana addiscenda* (1672) de Bento Pereira (S. I.). In: ENDRUSCHAT, A; KEMMLER, R. (eds.), **Portugiesische Sprachwissenschaft: traditionell – modern – innovativ**. Tübingen: Calpinus, 2010, p. 189-200.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio. A gramática racionalista em Portugal no século XVI (1497-1610). In: DUARTE, S.; PONCE DE LEÓN, R. (orgs.). **A Gramática Racionalista na Península Ibérica (Séculos XVI-XIX)**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2015, p. 9-40.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio. Contra las interferencias castellanas: en torno a la doble serie de formas del modo subjuntivo en la gramaticografía de la lengua portuguesa (siglos XVII y XVIII). In: FRYBA, A.-M.; ANTONELLI, R.; COLOMBAT, B. (eds.). **Actes du XXVIIe Congrès international de linguistique et de philologie romanes (Nancy, 15-20 juillet 2013). Section 15: Histoire de la linguistique et de la philologie**. Nancy: ATILF, 2016, p. 135-145.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio. Los verbos impersonales en la gramaticografía portuguesa de los siglos XVI y XVII. (a la luz de la gramaticografía latino-ibérica). **Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft. Münster, Nodus Publikationen**, v. 28, n. 2, no prelo.
- RESENDE, André de. **De uerborum coniugatione commentarius**. Lisboa: Luís Rodrigues, 1540.

- ROBOREDO, Amaro de. **Verdadeira grammatica latina para se bem saber em breue tempo**. Prefácio de Amadeu Torres e Estudo introdutório de Gonçalo Fernandes, Rogelio Ponce de León e Carlos Assunção. Vila Real: Centro de Estudos em Letras / Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2007 [1615].
- SANCHES, Pedro. **Arte de grammatica, pera em breue saber latim, composta em linguagem e verso portugues**. Prefácio de Amadeu Torres e Estudo introdutório de Rogelio Ponce de León, Gonçalo Fernandes e Carlos Assunção. Vila Real: Centro de Estudos em Letras / Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2008 [1610].
- SOUSA, Máximo de. **Institutiones tum lucidae, tum compendiosae latinarum literarum**. Coimbra: Mosteiro de Santa Cruz, 1535.
- VERDELHO, Telmo. **As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas**. Aveiro: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1995.

Nota do editor: articulista convidado. Mantiveram-se as referências bibliográficas originais.